

Diário dos Açores Um marco de informação dos açorianos há 154 anos

POR ANA CATARINA ROSA

Hoje o Diário dos Açores comemora o seu 154º aniversário e desde o início deteve como objectivo levar a todos os açorianos o verdadeiro cenário do arquipélago. Objectivo este que persiste até à actualidade.

O jornal mais antigo e diário dos açorianos foi o responsável por informar e descrever alguns dos eventos que engrandeceram a região, muitos dos quais, pela essência particular dos mesmos.

Visita Régia 1901

Um dos acontecimentos mais importantes para a Região incide na visita régia em 1901 de D. Carlos e D. Amélia aos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Com passagem pelas ilhas do Faial, Terceira e por fim São Miguel, este foi, sem dúvida, um dos eventos, cuja notabilidade prevalece na história da Região até aos dias de hoje, dada à singularidade do mesmo, pois estes foram os primeiros e únicos monarcas a visitar os Açores.

Inicialmente prava a dúvida relativamente à concretização desta visita. Foi na edição de 29 de Outubro de 1900, que o Diários dos Açores, na secção "Serviço Telegraphico", mencionava a possível visita dos monarcas às ilhas: "O sr. conselheiro Hintze Ribeiro apresentará às câmaras o projecto de instalação de serviços meteorológicos nos Açores, constando que a inauguração será feita por el-rei". Sendo a mesma confirmada oficialmente na edição de 17 de Novembro: "Nenhuma dúvida existe já a respeito de esta visita. (...) Para a excursão de suas majestades está já traçado o itinerário. O rei e a rainha, acompanhados de comitiva em que incorporaram, alem de damas de honor, o sr. Ministro das obras publicas, a cujo mistério de prende a inauguração do posto meteorológico, e o sr. presidente de ministros conselheiro

Hintze Ribeiro, virão da Madeira, directamente ao Fayal."

O mote à visita por parte dos reis de Portugal ao arquipélago recaiu na tentativa de recuperar a popularidade da casa real, que com o passar do tempo foi começado a esfumar-se, em grande parte pela falta de entusiasmo de súbitos e do próprio desgaste do regime. Apesar da contestação que aflorava, dado aos elevados custos envolvidos na organização deste acontecimento, a verdade é que a importância que detinha um evento desta envergadura trouxe uma grande divulgação e reconhecimento para o arquipélago.

A antecipaçãovolvida com a chegada dos reis a São Miguel foi sentida pelas informações que o periódico fazia nos dias que antecediam a mesma, com menções aos festejos que ocorriam das passagens de suas majestades pela ilha da Madeira e posteriormente pelas ilhas do Faial e Terceira.

A chegada dos monarcas e respectiva comitiva a São Miguel foi destaque da edição de 6 de Julho: "Pisaram terra michaelense os soberanos portugueses. Estamos em festas, que manifestam os nossos júbilos pela honra de uma visita há muito desejada. O facto é excepcional, e a Historia regista-o agora pela primeira vez, decorridos mais de 4 seculos depois da descoberta do archipelago."

O momento único foi repleto de simbolismo não apenas pela presença do rei ao pisar solo açoriano bem como o ostentar do orgulho que tal acontecimento acomodava no coração dos açorianos: "Os açoreanos collaboraram na historia de Portugal em tudo que n'ella há de grande e luminoso, sulcando mares nunca d'antes navegados, descobrindo terras, avassallando povos, engrandecendo a pátria. Sabem viver resignados na humildade do seu trabalho rude, mas também sabem morrer com altivez em defesa da bandeira bicolor, que é o symbolo sagrado da nação. É D. Carlos o primeiro rei portuguez que se abalançou a visitar os territórios insulares na legitima posse do



solio real e em plena paz octaviana, no intuito único de conhecer os seus dominios e os seus súbditos."

A contextualização dos factos pelo periódico era feita com extrema precisão, sendo as mesmas perceptíveis nas descrições dos pormenores: "A chegada dos navios era aguardada por dezenas de milhares de pessoas de todas as hierarchias, que se agglomeravam em todos os pontos, na doca, avenida Anthero

do Quental, pontes, janellas, varandas, balcões, cães, largos do conselheiro João Franco, matriz e outras immediações. Em toda a estensão do muro de abrigo do porto, embarcações que se encontravam no fundeadouro, pontes, avenida, caes, edificios particulares e públicos, fluctuavam um sem numero de galhardetes e bandeiras multicores, pendendo tambem muitas colgaduras, n'uma vivissima nota festiva. (...) "Quando suas majestades se aproximaram atroavam os ares, alem das salvas de artilheria, innumerous foguetes que desde o terjacto de bordo se ouviram ininterruptamente estrugir e vibrantes aclamações, reunindo-se a tudo isto requies dos tempos d'esta cidade."

A narração minuciosa dos eventos perduraram nas edições dos dias seguintes, cujos detalhes permitiam ao leitor idealizar a sua própria presença no local.

É na edição de 18 de Julho, que vemos descritos o sentimento de gratidão dos monarcas, na despedida destes à ilha de São Miguel: "O povo michaelense já tinha muitos direitos à nossa gratidão e ao nosso reconhecimento, mas o modo entusiastico e affectuoso como temos sido recebidos desde o desembarque até este momento triste da partida, mais nos captiva ainda. O povo michaelense pôde estar certo de que não tem mais dedicados amigos do que eu e a sua magestade a rainha."

(continua na pág. 21)

